

O Cristocentrismo de Josemaria Escrivá

D. George Pell, *Congresso Internacional “A Grandeza da Vida Corrente”*, Roma, 2002

O Cristocentrismo do Fundador do Opus Dei é fulcral para compreendermos a sua obra e pensamento. É um tema fascinante. A primeira parte da minha comunicação tentará descrever e analisar os principais conceitos no Cristocentrismo do Beato Josemaría, com referência a alguns dos mais importantes especialistas na matéria¹, e especialmente aos seus sucessores, D. Álvaro del Portillo² e D. Javier Echevarría³, o actual Prelado do Opus Dei.

Embora possa haver outras abordagens possíveis do Cristocentrismo do Beato Josemaría, aquela que me proponho seguir realça três perspectivas que podem ser descritas resumidamente como a espiritual, a prática (englobando a ascética, a doutrina da Igreja e a vida apostólica) e a pessoal (que envolve a existencial e a mística).

Na segunda parte da comunicação veremos ainda se se pode falar de uma quarta perspectiva: a hermenêutica. De natureza mais teológica que espiritual, esta quarta perspectiva baseia-se nas implicações do pensamento do Beato Josemaria, mais do que nos seus ensinamentos explícitos. Proponho-me analisá-la como parte da minha convicção sobre a originalidade e novidade do Cristocentrismo do Beato Josemaria⁴.

1. Aspectos espirituais do Cristocentrismo do Beato Josemaria

Cristocentrismo significa uma compreensão da centralidade de Cristo em todo e qualquer nível ou contexto em que nos encontremos. Esta centralidade é mais interior que exterior e constitui o sentido específico de uma ordem ou contexto. A nível sobrenatural, o Cristocentrismo significa que tudo se refere e depende de Cristo. O Cristocentrismo da fé do Novo Testamento relaciona-se com o da Revelação e, em última análise, com o do plano de salvação, que tem em Cristo a sua cabeça e princípio (Col 1, 15-18; 1 Cor 3, 10-11)⁵.

Deve ficar aqui bem claro que o Cristo de que falamos é o dos Evangelhos, o do Novo Testamento, que nos foi explicitado nos grandes Concílios ecumênicos de Niceia e de Calcedónia, dos séculos IV e V.

Não é de pouca monta que o génio religioso intuitivo do Beato Josemaría nos apresente Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem (apresentado com a plena autoridade da Igreja e por ela defendido ao longo dos séculos) a falar por si próprio. Não entro na polémica onde tantos se perderam, à procura do Cristo histórico, que aparece com imagens diferentes nas sucessivas gerações, reflectindo a ideologia dominante de cada período, desde o herói romântico ao revolucionário da teologia da libertação.

O Cristocentrismo tem ramificações espirituais e teológicas. Todas as espiritualidades cristãs são cristocêntricas, a não ser que lhes tenha sido retirada a sua verdadeira natureza. Assim, o Cristocentrismo refere-se à configuração que os diferentes elementos de uma espiritualidade específica, carisma, vocação ou missão recebem em relação a Cristo⁶. Por agora gostaria de me concentrar nas implicações espirituais do Cristocentrismo do Beato Josemaria, deixando para a segunda parte desta comunicação os elementos teológicos.

a) *Piedade e devoções*

Pode ser que para alguns seja uma surpresa, mas o Beato Josemaria não recomenda nenhuma devoção particular. Encorajou as devoções habituais, especialmente à Virgem Maria e à Eucaristia, e aconselhou as pessoas a lerem livros sobre a vida de Cristo, particularmente sobre a sua Paixão. É prova da sua própria devoção a Cristo o facto de ter oferecido esse tipo de livros como presente. O Beato Josemaria tinha uma grande devoção à Cruz e animava os que conhecia a fazerem a Via-Sacra⁷. Superou a piedade popular do seu tempo, sem a abandonar, recordando as suas raízes e razão de ser: o Cristo crucificado e ressuscitado.

Por vezes este seu Cristocentrismo devocional foi mal entendido, provocando críticas à cruz de madeira que ele mandara colocar nos Centros do Opus Dei e ao rigor com que vivia a liturgia⁸.

b) *Ascética*

Nada mais alheio ao sentido religioso do Fundador do Opus Dei que uma devoção sem fundamentos doutrinários, uma “devoção *tonta*”, como diria Santa Teresa de Ávila. Convencido de que o pior inimigo de Deus é a ignorância, o Beato Josemaria procurou ajudar as pessoas a conhecerem mais e melhor a Deus. Para ele, o trabalho do Opus Dei era uma grande catequese. Catequese foi o que fez durante toda a sua vida, com tal arte que informou a doutrina com toda a novidade do Evangelho, sempre velho e sempre novo (Mt 13, 52). D. Álvaro del Portillo escreveu acerca de *Caminho*: “Cristo está presente em todas e cada uma das páginas, ... pois Cristo é o Caminho para o homem; e a intimidade do homem, o seu coração, é iluminado pela luz da Verdade de Cristo, e é vivificado com a vida, o amor de Cristo”⁹. Falar de Deus, falar de Cristo: é isto o que resume e compendia os ensinamentos do Fundador do Opus Dei¹⁰.

Doutrina e ascética estão necessariamente unidas no Cristocentrismo do Beato Josemaría, porque a verdade para o Fundador não é uma teoria para ser contemplada de modo passivo, mas sim o princípio da vida e da acção. Com a doutrina vem a vida; com a fé, as obras. Josemaría Escrivá não entendia aqueles que conheciam os ensinamentos e não os aplicavam na vida. Esta unidade entre a teoria e a prática estava tão gravada no seu espírito que o seu livro *Caminho* abre referindo-se a ela, não só no seu famoso primeiro ponto, mas também no Prólogo: “Vou reavivar as tuas recordações, para que se eleve algum pensamento que te fira, e assim melhores a tua vida...”.

A passagem da doutrina para a ascética neste Cristocentrismo é o movimento que vai de conhecer Cristo a viver como Cristo. Viver como Cristo é imitar Cristo, seguir Cristo, fazer-nos como Cristo, estar com Cristo, amar Cristo, ficar com Cristo. Estas são breves máximas que aparecem muitas vezes nos escritos do Beato Josemaría e que resumem os seus ensinamentos; são perspectivas que ele constantemente refere no seu trabalho apostólico e na orientação das pessoas¹¹. *Sulco* pode ser visto como um paradigma desta ideia, um livro onde Josemaría examina todas as virtudes e qualidades que devem enriquecer a vida de um cristão. São as virtudes e as qualidades de Cristo, *perfectus Deus, perfectus homo*¹².

A unidade de doutrina e de ascética está em perfeita sintonia com as tradições da espiritualidade cristã. O que é novo no Cristocentrismo do Beato Josemaría não é isso, mas sim o modo como cortou com os exageros acumulados ao longo de séculos que, nalguns casos, tinham deformado essa unidade. O Beato Josemaría trabalhou muito para

libertar a ascética cristã das complicações e escrúpulos que a podiam desfigurar, para a trazer de novo à sua simplicidade original, fazendo-a incidir na figura do Senhor Jesus Cristo¹³.

Outro passo original – não pelo conteúdo mas pela clareza com que o apresenta – é a natureza apostólica do seu Cristocentrismo. Conhecer e seguir Cristo implica a acção apostólica e a preocupação espiritual pelos outros¹⁴. Isto não significa apenas interesse pelos outros, actividade filantrópica ou justiça social. É tudo isso mas mais ainda, porque significa falar de Cristo, anunciar Cristo, comunicar Cristo, levar Cristo aos que nos rodeiam: amigos, familiares, colegas e até aos que encontramos ocasionalmente. Superabundância: esta é a palavra que Josemaría gostava de empregar para explicar a relação íntima entre a vida sobrenatural e a acção apostólica, semelhante à relação – como vimos – entre o conhecimento (a doutrina) e a ascética. Tal como o passo do conhecimento para a luta na vida se baseia na relação comum de ambos com Cristo – de conhecer Cristo e, depois, de o imitar – assim este passo da vida sobrenatural para a acção apostólica se dá porque ambos têm como referencial a Cristo.

c) O pessoal e o existencial

O que acabámos de ver introduz-nos na explicação da sua “originalidade não original”. Ao conhecer Cristo, ao imitar Cristo e ao anunciar Cristo estamos a viver em Cristo, de Cristo, para Cristo, com Cristo, através de Cristo. “Neste caminho de amor que é a nossa vida, fazemos tudo por Amor, com um Amor que não elimina os nossos defeitos pessoais. Eu vivo por Ele, com Ele, para Ele e para as almas. Do seu Amor e para o seu Amor vivo, apesar das minhas misérias pessoais. E apesar destas misérias, talvez até através delas, o meu Amor renova-se cada dia”¹⁵.

Na obra e no pensamento do Beato Josemaría, o saber e o actuar estão orientados para a vida. O conhecimento e a acção são expressões de vida. É na vida que tudo encontra a sua expressão última, e a verdadeira origem. O conhecimento não enraizado na vida é artificial e falso, e o mesmo se pode dizer da acção. Se a acção não procede da vida, é falsa e hipócrita – esquizofrénica, como ele diria de modo gráfico¹⁶.

O Cristocentrismo do Beato Josemaría traduz-se em unidade de vida: unidade entre a vida ascética, o apostolado e o trabalho. O trabalho ocupa sem dúvida um lugar especial no seu pensamento, seja ele no campo, na fábrica, na escola ou na universidade, em casa ou no sacerdócio ministerial: qualquer trabalho honesto¹⁷.

Reflectindo um pouco, percebemos que não poderia ser de outro modo. Rezar significa falar com Deus, com Cristo, que se pôs ao nosso alcance¹⁸ - é falar d’ Ele e de nós¹⁹. Apostolado é falar de Cristo, anunciá-lo, comunicá-lo aos outros; é “trabalhar para Cristo”²⁰. E o trabalho, quando unido à oração e ao apostolado, significa “pôr Cristo no cume de todas as actividades humanas”²¹. O nosso “encontro quotidiano com Deus decorre onde os nossos semelhantes, as nossas aspirações, o nosso trabalho e os nossos amores estiverem”. Aí é que temos o nosso encontro diário com Cristo²².

A doutrina da unidade de vida causou muitas dificuldades ao Beato Josemaría. Algumas pessoas negavam a possibilidade de sermos santos no meio do mundo (e não apenas num convento ou no altar) e rejeitavam a possibilidade de adquirir perfeita contemplação divina sem abandonar a própria família, trabalho ou situação na vida. Nos últimos anos da vida de Josemaría, o Concílio Vaticano II proclamou a verdade da

chamada universal à santidade (*Lumen Gentium*, n. 39-42) e da unidade de vida (*Presbyterorum Ordinis*, nº 14). Mas antes deste reconhecimento pela Igreja Universal, o Beato Josemaría teve de enfrentar humilde e heroicamente os que não compreendiam que estar centrado em Cristo significa praticar a unidade de vida, unidade entre a oração, o zelo pelas almas e o trabalho.

Esta foi talvez a maior contribuição do Beato Josemaría no tema do Cristocentrismo a nível espiritual, se bem que ainda hoje seja tratada com incompreensão e oposição por parte de alguns peritos na ciência da vida espiritual²³. Unidade de vida. Unidade em Cristo. Isto significa que a vida do homem é vida vivida em Cristo, que o ser da pessoa se realiza em Cristo, que a pessoa se identifica com Cristo, que se é filho de Deus; como S. João diz na sua 1ª Carta (1 Jo 3, 2): *somos chamados filhos de Deus... e somo-lo de facto*. Julgo que podemos agora destacar três grandes elementos no Cristocentrismo do Beato Josemaría.

Em primeiro lugar, trata-se de um Cristocentrismo em conformidade com os escritos de S. Paulo e de S. João. Ao lermos os textos do Fundador é impossível não recordar a afirmação evangélica de S. João: *Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue fica em Mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou e Eu vivo pelo Pai, também o que Me come viverá por Mim* (Jo 6, 57). *Permaneci em Mim e eu permanecerei em vós. Assim como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, a não ser que permaneça na vide, assim vós também não, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a vide e vós os ramos. Aquele que permanece em Mim e Eu nele esse dá muito fruto. Porque sem Mim nada podeis fazer* (Jo 15, 4-5). Outras vezes, os textos do Beato Josemaría citam explicitamente as afirmações paulinas que ele achava particularmente eloquentes e animadoras: *para mim, viver é Cristo e morrer é lucro* (Fil 1, 21). *Com Cristo estou pregado na Cruz. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim* (Gal 2, 19-20).

Em segundo lugar, os aspectos doutrinários, ascéticos e apostólicos baseiam-se num Cristocentrismo imanente e místico, que é ao mesmo tempo existencial e radical; acessível a todos, embora árduo e difícil. É assim que o Fundador o descreve: *“Paradoxo - é mais acessível ser santo que sábio, mas é mais fácil ser sábio que santo”*²⁴. Em vez de uma espiritualidade complicada e confusa, com práticas pormenorizadas difíceis de memorizar, Josemaría Escrivá oferece uma espiritualidade centrada numa vida de relação pessoal com Cristo. *“Que procure Cristo. Que encontre Cristo. Que ame Cristo. São três etapas claríssimas”*²⁵. O apelo à contemplação autêntica é para todos, e o Beato Josemaría afirma que, quando transformamos o trabalho em oração e em serviço aos outros, é impossível não estarmos no caminho que leva a Cristo.

Em terceiro lugar, a originalidade do Cristocentrismo do Fundador pode ser resumida em *“pôr Cristo no cume de todas as actividades humanas”*. Significa colocá-lo aí com o trabalho santificador e santificado²⁶. A recapitulação de todas as coisas em Cristo orienta-se agora para fora: da vida pessoal, da identificação pessoal com Cristo, para a santificação dos outros, para a cristianização da sociedade, para a conquista do mundo para Cristo.

2. Implicações teológicas do Cristocentrismo do Beato Josemaría

Os aspectos espirituais do Cristocentrismo do Beato Josemaría são suficientemente claros. Os seus aspectos teológicos talvez um pouco menos claros. Os teólogos falam frequentemente de Cristocentrismo antes de mais como um mistério soteriológico, com dimensões cosmológicas e antropológicas. Do ponto de vista teológico, uma compreensão da realidade é cristocêntrica quando, ao relacionar o mundo e o homem com Deus, o faz sempre com referência a Cristo²⁷.

a) Teologia e Cristocentrismo

Há muitas maneiras de apresentar uma visão teológica da realidade centrada em Cristo. Santo Ireneu de Lião, por exemplo, usa o conceito de “recapitulação”, tirado de S. Paulo, para descrever Cristo como o centro, o fundamento e o cume de toda a doutrina revelada. Santo Agostinho, por outro lado, é especialmente atraído pelo mistério da graça, concluindo que a comunhão sobrenatural dos seres inteligentes e livres forma o Corpo de Cristo. Santo Anselmo, já no 2º milénio, deteve-se no conceito de Redenção, e a partir daí afirma que Cristo foi, é e será o centro teológico de toda a realidade, porque é Deus-Homem, o único capaz de oferecer ao Pai a reparação completa pelo pecado de Adão. Tomás de Aquino aceita a brilhante intuição de Platão e de Aristóteles e descreve a saída e a reentrada de Deus, realizada através de Cristo, como final e supremo logos do mundo e da História. Mais recentemente, Guardini argumentou que a humildade de Deus é a chave para a interpretação, e Von Balthasar fez do amor a pedra angular do seu abrangente pensamento teológico²⁸.

O Beato Josemaría não foi um teólogo no sentido académico do termo, mas a ideia base da sua obra e mensagem foi a unidade – a unidade entre doutrina e vida, entre oração, apostolado e trabalho, entre devoção e fé sobrenatural. O seu Cristocentrismo não se limita à esfera do amor e do afecto, mas pressupõe e exprime a profunda compreensão da realidade como a participação de tudo e de todos na vida de Cristo. A sua teologia é uma interpretação unificadora da relação entre o cosmos e o homem com Deus. A sua abordagem teológica inspira-se nas obras de grandes figuras como Ireneu, Agostinho e Tomás de Aquino e vai para além deles. Segue uma linha diferente de Anselmo, Guardini e Von Balthasar, sem contudo colidir com eles. Por exemplo, a consideração do pecado nunca desaparece da visão do Fundador (disse uma vez que a manifestação da nossa própria miséria é como um *ritornello* na existência humana). Mas, ao mesmo tempo, ela não se torna o centro do seu pensamento, que – estando centrado em Cristo – é muito positivo. A sua concepção de humildade (“sem ela”, dizia, usando palavras de Cervantes, “he nhuma virtude seria virtude”) leva-o a considerá-la como a maior virtude (especialmente a da Mãe de Deus)²⁹, sem dela fazer a base hermenêutica da sua teologia. O grande critério é sempre Cristo, em Quem se encontra a humildade, mas também a simplicidade, o trabalho, a magnanimidade e todas as outras perfeições que n’Ele conhecemos.

Uma dessas perfeições mais importantes é, sem dúvida, o amor. Mas esta não é a chave decisiva para a visão do homem e do mundo no Beato Josemaría. Para lá do amor está a vida – a vida que é caracterizada e justificada pelo amor, mas que não encontra a sua identidade final no amor. O Fundador falava constantemente do amor humano e do divino na sua pregação, sobretudo com o seu exemplo. Era “um homem que sabia amar”, e quando as pessoas lhe chamavam Padre, usavam este termo no seu sentido profundo e autêntico³⁰. Os conceitos de amor, luz e vida, como aparecem em S. João e em S. Paulo, estão unidos na explicação de Josemaría (não em formulação académica, mas suficientemente desenvolvida para ser compreendida e adoptada) de que a luz e o

amor pertencem à vida, a vida do Filho de Deus. Nós participamos nessa vida através da graça, como filhos adotivos de Deus, e assim, na nossa vida e acções, reflectimos a luz do amor de Deus³¹.

b) *A Filiação divina no Cristocentrismo do Beato Josemaría*

Este Cristocentrismo teológico é mais implícito que explícito nos escritos do Beato Josemaría. Deriva da sua profunda compreensão da filiação divina. O Fundador destaca expressamente a filiação divina como o fundamento do espírito do Opus Dei. Podíamos dizer que, baseado na visão unificada da vida, apresentada anteriormente, ele vê a filiação divina como a chave para a compreensão teológica da realidade³², o que implica – seguindo muito de perto S. Paulo e especialmente S. João, como ele faz – *fazer da vida que nos é transmitida por Cristo o cerne da teologia*. Este é o contributo teológico essencial do Beato Josemaría para o Cristocentrismo. Reparemos que o faz à luz das Escrituras. S. João, no Prólogo do seu Evangelho escreve: ‘Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens’ (Jo 1, 4). Alguns capítulos depois, ele apresenta-nos o Senhor dizendo: ‘Eu vim para que tenham vida e a estejam na abundância’ (Jo 10, 10); e novamente mais tarde, na ressurreição de Lázaro: ‘Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente’ (Jo 11, 25-26). Na sua primeira Carta, S. João volta a este tema numa outra perspectiva:

‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos, o que apalparam as nossas mãos relativamente ao Verbo da vida, - porque a vida se manifestou: nós a vimos, damos dela testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava junto no Pai e nos apareceu – isso que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos, para que vós também tenhais comunhão connosco, e para que a nossa comunhão seja com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo’ (1 Jo. 1-4).

A importância que o conceito de vida tem na visão da realidade de S. João, e a sua dependência de Cristo é clara. O conceito de vida é o ponto de referência central para tudo. O mesmo acontece com os conceitos de luz e de amor.

Isto também se aplica a S. Paulo. Um texto bem conhecido e muitas vezes usado pelo Beato Josemaría é o hino cristológico na Carta aos Efésios. S. Paulo bendiz a ‘Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou, do alto dos céus, com toda a bênção espiritual, em Cristo, escolhendo-nos nele, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados, a seus olhos, o qual nos predestinou, no seu amor para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo’ (Ef 1, 2-5). Para S. Paulo, desde o princípio, mesmo antes de o mundo existir, tudo nos foi dado em Cristo, porque fomos destinados (portanto pré-destinados) a sermos filhos de Deus em Cristo, através do próprio Cristo.

A filiação está unida à geração, acto que nos permite falar de uma relação pai-filho. Somos filhos porque fomos gerados por alguém. O homem foi chamado, predestinado a nascer do Pai no Seu Filho através do mesmo Filho Incarnado. A nossa filiação divina refere-se obviamente ao Pai mas também ao Filho, porque é uma participação na Sua própria e única Filiação. Obtemos esta participação através da acção do Filho na carne ou na História. Também se refere ao Espírito Santo, como S. Paulo declara muitas vezes (Gal 4, 6; Rom 8, 15).

A filiação e a geração referem-se também à vida que é transmitida e possuída. Compreendemos essa vida, que é transmitida e possuída, como o ser que foi recebido por geração. Na ordem sobrenatural, falamos da vida que Deus gratuitamente nos dá, muito acima da vida que já temos pela geração carnal: a vida que Cristo comunica. A esta vida temos acesso não pelo corpo mas pela fé. S. João diz: “à todos os que o receberam, deu poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1, 12-13). E S. Paulo recorda: “todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos os que fostes baptizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo” (Gal. 3, 26-27).

É este um fundamento sólido e genuíno para uma doutrina espiritual e teológica. É um Cristocentrismo radical, que não deixa na pessoa humana nada que não se refira à Pessoa Incarnada, até ao ponto de lhe permitir tornar-se *alter Christus, ipse Christus*, para usar uma expressão querida ao Beato Josemaría, tirada de uma antiga e algumas vezes esquecida tradição da Igreja. “Temos de ser, cada um de nós, *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo. Só assim poderemos realizar esse empreendimento grande, imenso, interminável: santificar a partir de dentro todas as estruturas temporais, levando até elas o fermento da Redenção”³³. Cristocentrismo significa a recapitulação de tudo o que é pessoal em Cristo, porque, a partir do Pai e através d’Ele, a pessoa humana recebeu todo o seu ser, tudo o que tem, tudo o que faz³⁴.

Desenvolver a doutrina cristã à luz deste *leitmotiv* hermenêutico (a vida como filiação divina em Cristo) requer cuidado e estudo. É uma tarefa que vai exigir muitas e diversas contribuições e estudos de muitos teólogos. Por outras palavras, será um trabalho árduo; mas apesar das dificuldades que pode acarretar, penso que é factível e muito útil para as almas, como se pode ver pelo impacto que o espírito do Beato Josemaría tem nos homens do nosso tempo.

Uma doutrina centrada em Cristo como fonte de vida para todos – *omnes traham ad me ipsum!* (Jo 12, 32) – não pode deixar de renovar a reflexão e a investigação teológicas. A explicação da relação entre o cosmos e o homem com Deus como sendo uma unidade revela-se como um ponto de referência seguro para esse trabalho. Permite, em particular, um Cristocentrismo que não limita a finalidade da Incarnação à libertação do pecado, mas que pode ser aplicado e desenvolvido de muitas formas. O Cristocentrismo do Beato Josemaría não limita o poder argumentativo do Cristianismo a questões que acabam por ser restritivas, suscitando mais problemas do que os que se tenta resolver, como a História da Teologia do segundo milénio tem por vezes demonstrado³⁵. O Cristocentrismo de Josemaría Escrivá, com a sua explicação unificadora de todos os aspectos da vida, possibilita ultrapassar as inconsistências que surgiram nos séculos passados entre a vida intelectual e a vida de fé, entre a vida espiritual e o trabalho científico, entre a vida cristã e a vida profissional, etc.

Isto é especialmente providencial na actualidade, em particular no Ocidente, onde os baluartes sociológicos da paróquia, da escola e mesmo os da própria família, têm vindo a ser enfraquecidos por desenvolvimentos tecnológicos facilmente explorados por neopagãos, pela rádio, televisão, internet.

Lembro-me de ler, há quarenta anos, os escritos de Frank Sheed. Nascido na Austrália, viveu a maior parte da sua vida em Inglaterra, foi um dos poucos leigos teólogos

proeminentes no mundo da língua inglesa do século XX, que achava nessa altura que a luz de Cristo estava a ficar embaciada. Há menos de dez anos, lembro-me de o Cardeal de Nova Iorque, John O'Connor, em conversa comigo, fazer a previsão de que a grande luta da comunidade católica não seria no campo da moralidade sexual, nem do aborto, nem da eutanásia, mas no das naturezas e pessoa de Jesus Cristo Nosso Senhor, no seu papel único na salvação. Mesmo nos círculos de católicos de mais alto nível, para não mencionar os dos protestantes liberais, há tentativas encobertas de suplantar Cristo pela teologia do Espírito, ou por um complicado panteísmo que usa muita da linguagem da teologia tradicional para negar a divindade de Cristo.

Também, a nível pré-teológico, o entusiasmo do Beato Josemaría por darmos a conhecer Cristo, O comunicarmos aos outros é um excelente antídoto para aqueles que, permanecendo fiéis cristãos, deram prioridade a outras preocupações como a justiça social, a ecologia ou mesmo o feminismo. Os católicos têm de ser pessoas centradas em Deus, que chegam a Deus através de Cristo.

Para terminar, gostaria de citar um texto do Beato Josemaría Escrivá, que ilustra o que tenho estado a tentar expor. É um ponto de *Forja*, n.º 418. Recordando a perspectiva do Concílio Vaticano II, de que, “na Sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus se uniu de certo modo a cada homem” (*Gaudium et Spes*, 22), o Fundador diz: “Se Lhe formos fiéis, a vida de Jesus repetir-se-á, de alguma maneira, na vida de cada um de nós, tanto no nosso progresso interno - na santificação - como na conduta externa. Agradece a sua bondade”. Esta vida é-nos oferecida a todos, uma vez que já todos dela participamos de algum modo e todos somos chamados a nela participar plenamente. Todos os homens e todas as mulheres são chamados a viver d’ Ele, n’ Ele, para Ele, com Ele, através d’ Ele. Todos somos chamados a ser santos, porque a santidade “.é vida – uma vida sobrenatural”³⁶.

George Pell
Arcebispo de Sydney

37

1 Muitos autores trabalharam sobre este tema: A. Aranda, *El bullir de la sangre de Cristo*, Madrid, 2000, esp. pp. 153-178; J. L. Illanes, *On the Theology of Work*, Dublin, 1982; S. Garofalo, “*Il valore perenne del Vangelo*”, in C. Fabro et al., *Santi nel mondo. Studi sugli scritti del beato Josemaría Escrivá*, Milano, 1992, 156-193, esp pp. 170-173 e 183-185; P. Rodriguez, “*Omnia traham ad meipsum. El sentido de Juan 12, 32 en la experiencia espiritual de Mons. Escrivá de Balaguer*”, in *Romana*, 13 (1991) p. 331-352; G. Tanzella-Nitti, “*Perfectus Deus, perfectus Homo. Reflexiones sobre la exemplaridad del misterio de la Encarnación del Verbo en las enseñanzas del Beato Josemaría Escrivá*”, in *Romana*, 13 (1997) p.360- 381.

² De particular importância são os seguintes: a Introdução a *Cristo que passa, Amigos de Deus, Sulco, Forja e Via-Sacra*; as suas breves mas profundas reflexões in: “Significado teológico-espiritual de *Camino*”, no início da obra coordenada por J. Morales, *Estudios sobre Camino*, Madrid, 1989, pp 45-56, alguns artigos em *Una vida*

para Dios. *Reflexiones en torno a la figura de Josemaría Escrivá de Balaguer*, Madrid, 1992; e *Immersed in God: Blessed Josemaría Escrivá, founder of Opus Dei, as seen by his successor, Bishop Álvaro Del Portillo*, with C. Cavalleri, Princeton NJ, 1996.

³ Especificamente poderia referir *Lembrando o Beato Josemaría*, Lisboa, 2000; e as suas reflexões sobre a vida cristã baseadas no pensamento e escritos do Fundador do Opus Dei, *Itinerarios de vida cristiana*, Barcelona 2001.

⁴ Para um breve resumo do pensamento espiritual do Fundador do Opus Dei, ver P. Masi, ‘Il pensiero spirituale di Josemaría Escrivá’, in *Rivista di Vita Spirituale*, 54 (2000) p. 60-89.

⁵ Para uma visão sintética e precisa desta ideia, ver M. L. Cook, *The Jesus of Faith. A Study in Christology*, New York, 1981; G. Biffi, *Approccio al cristocentrismo*, Jaca Book, Milano, 1993; F.L. Mateo Seco; F. Ocariz; J.A. Riestra, *The mystery of Jesus Christ*, Dublin, 1994, pp.43-89.

⁶ Relacionado com isto, ver B. De Margerie, *Christ for the World – The Heart of the Lamb. A Treatise on Christology*, Chicago, 1973; G. Moioli, ‘Cristocentrismo’, in S. de Fiores; T.Goffi, *Nuovo Dizionario di spiritualità*, Roma, 1982, p. 354-366; A. Blasucci, ‘Cristocentrismo’, in E. Ancilli (ed.), *Dizionario di Spiritualità*, Roma, 1990, pp. 667 - 676.

⁷ Ver Josemaría Escrivá, *Caminho*, nºs 178, 277, 302, 470, 775 e 811; *Sulco*, nºs 28 e 238; *Forja*, nºs 29, 317, 400, 404, 761 e 774. Também Álvaro del Portillo, Introdução a Josemaría Escrivá, *Via Sacra*, Lisboa

⁸ Ver A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei, vol. I: Senhor, que eu veja!*, Lisboa, 2002.

⁹ Álvaro del Portillo, *Significado teológico-espiritual*, pp. 50-51.

¹⁰ Ver A. del Portillo, Introdução a Josemaría Escrivá, *Cristo que passa*, Lisboa

¹¹ Ver Idem, Introdução a Josemaría Escrivá, *Forja*, Lisboa

¹² Ver Idem Introdução a Josemaría Escrivá, *Sulco*, Lisboa

¹³ Josemaría Escrivá, *Santo Rosário*, Lisboa, Comentário ao Terceiro Mistério Gozoso.

¹⁴ Idem, *Cristo que passa*, nº 122.

¹⁵ Josemaría Escrivá, citado por A. del Portillo, *Mons. Escrivá de Balaguer, instrumento de Dios*, homilia de 12 de Junho de 1976 na Universidade de Navarra, p. 9.

¹⁶ Josemaría Escrivá, Homilia na Universidade de Navarra, 8 de Outubro de 1967, incluída em *Temas Actuais do Cristianismo*, Lisboa, nº 114.

¹⁷ Idem, *Temas Actuais...*, nºs 10, 24, 26, 55-57, 70, 113-117.

¹⁸ Ver Idem, *Caminho*, n.ºs 93-94, 105, 111, etc.

¹⁹ Ibid., nºs 100, 109, 113, etc.

²⁰ Ibid., nº 966; *Cristo que passa*, nº 122.

²¹ Idem, *Cristo que passa*, nºs 14, 38, 105, 156, 183.

²² Idem, Homilia na Universidade de Navarra, 8 de Outubro de 1967, incluída em *Temas Actuais do Cristianismo*, nºs 113-117, esp. nº 113

²³ Sobre estes mal entendidos, ver A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei (1902-1975)*, Madrid, 1984 (2ª ed.), pp. 119-120, 144; 146, 163-163, 235, 237, 240 e 259-261; Josemaría Escrivá. *O Fundador do Opus Dei Vol. I Senhor, que eu veja!*; P. Berglar, *Opus Dei. Life and Work of its Founder Josemaría Escrivá*, Princeton NJ, 1994, pp. 178-188.

²⁴ Josemaría Escrivá, *Caminho*, nº 282.

²⁵ Ibidem., nº 382.

²⁶ Ver A. del Portillo, ‘Putting Christ at the summit’, in *Holiness and the World. Studies in the Teaching of Blessed Josemaría Escrivá*, Princeton – Dublin – Chicago, 1997, pp. 291-296; J. Echevarría, *Itinerarios...* pp. 23-36, 181-193 e 214-221; P. Rodríguez, ‘Omnes traham...’; A. Aranda, *El bullir de la sangre...* , pp. 255-287; J.-L. Chabot, ‘Responsability to the world and freedom’, in *Holiness and the World...* , pp. 251-278.

²⁷ Ver por exemplo H. Schlier, ‘Kephale Anakefalaiosis’, in TWNT, III, 672 -682; G. Martelet, ‘Sur le motif de l’incarnation’, in *Problèmes actuelles de théologie*, Bruges, 1964; J. F. Bonnefoy, *Christ and the Cosmos*, Paterson N.J., 1965 ; A. Feuillet, ‘Le christologique de l’épître aux Philippiens’, in *Revue Biblique* 72 (1965) 352-380 e 481-507 ; «Plerôme», in DBS VIII, 18-40 ; G. A. Maloney, *The Cosmic Christ : From Paul to Teilhard*, New York, 1968 ; J.K. Riches, ‘What is a Christocentric Theology?’, in S.W. Sykes – J.P. Clayton, *Christ Faith and History*, New York, 1972, pp. 223-238; T. Potvin, *The Theology of the Primacy of Christ according to St. Thomas and its Scriptural Foundations*, Fribourg, 1973; F. X. Pancheri, *The Universal Primacy of Christ*, Front Royal, Virg, 1984; R. Garcia de Haro, *Cristo, fundamento de la moral*, Barcelona, 1990; ‘Cristocentrismo’, in G. Barbaglio – S. Dianich, *Nuovo dizionario di teologia*, Cinisello Balsamo, 1994 (7ª ed.), pp. 224-234; J.M. Maldamé, *Cristo e il cosmo*, Cinisello Balsamo, 1995; *Cristo y el Universo*, Salamanca, 1995.

²⁸ Cfr. H.U. von Balthasar, *Romano Guardini. Riforma dalle origini*, Milano, 1970; *Seul l’amour est crédible*, Paris, 1966; J.A Kay, *Theological Aesthetics*, Bern-Frankfurt, 1975; G. Marchesi, *La cristologia di H.U. von Balthasar*, Roma, 1977; A. Peelman, *H.U. Balthasar et la théologie de l’histoire*, Bern-Frankfurt, 1978 ; G. De Schriver, *Le merveilleux accord de l’homme et Dieu. Étude de l’aalogie de l’être chez Hans Urs von Balthasar*, Leuven, 1983; J. Rives (ed.), *The Analogy of Beauty. The Theology of Hans Urs von Balthasar*, Edinburgh, 1986; L. Roberts, *The Theological Aesthetics of Hans Urs von Balthasar*, Washington, 1987; E.T. Oaks, *Pattern of Redemption. The Theology of Hans Urs von Balthasar*, New York, 1994

²⁹ Josemaría Escrivá, *Caminho*, nº 598.

³⁰ Ver J. Echevarría, “Mons. Escrivá Escrivá de Balaguer, Un corazón que sabia amar”, in P. Rodríguez – J. L. Illanes (ed.), *La personalidad del beato Josemaría*, Pamplona, 1994, pp.243-261; *Lembrando...*, pp. 71-140; C. Cardona, “Camino, una lección de amor”, in *Estudios sobre Camino...*, pp. 173-179; J.M. Yangas, “Amar ‘con todo el corazón’ (DT 6, 5). Consideraciones sobre el amor del cristiano en las enseñanzas del beato Josemaría Escrivá”, in *Romana* 14 (1998), 144-157.

³¹ Até ao momento, ainda não apareceram estudos sobre o conceito de vida segundo o Fundador do Opus Dei. Uma tentativa preliminar poderá encontrar-se em L. Polo, “El concepto de vida en Mons. Escrivá de Balaguer”, in *La personalidad del Beato Josemaría*, op.cit., pp. 165-195. Há neste artigo considerações que vão no sentido de uma proposta cristocêntrica que pensamos poder ser encontrada nos escritos do Beato Josemaría. A nossa hipótese encontrou fundamento também em J. L. Illanes “Filiación divina y vivencia existencial”, in J. L. Illanes (ed.), *El Dios y Padre de nuestro Señor Jesucristo*, Pamplona, 2000, pp. 537-546; e J. Sesé, “La conciencia de la filiación divina, fuente de vida espiritual”, in *ibid.*, pp. 495-518.

³² Em relação à centralidade da filiação divina no pensamento teológico do Fundador do Opus Dei, ver F. Ocáriz, *Naturaleza, gracia y gloria*, Pamplona, 2000, pp. 175-221..

³³ Josemaría Escrivá, *Cristo que passa*, nº 183. Sobre este ponto, ver A. Aranda, *El bullir...*, pp. 203-205.

³⁴ Ver F. Ocáriz, *Rivelazione, fede e credibilità* (em colaboração com A. Blanco), Roma, 2001.

³⁵ A respeito disto, basta olhar para o interminável e estéril debate entre os tomistas e os seguidores de Duns Scotto a propósito do motivo e da finalidade da Encarnação. Ver, por exemplo, G. Biffi, “Fine dell’Incarnazione e primato di Cristo”, in *La Scuola Cattolica* 88 (1960); J.B. Carol, *Why Jesus Christ?*, Manassas Virg., 1966.

³⁶ Josemaría Escrivá, *Forja*, nº 156.